

CARLOTA DE BARROS

Eles não têm bonecas

(Para o meu sobrinho Nuno)

Menino que brincas feliz
confortável no teu fatinho
da benetton
segurando com carinho
os teus bonecos preferidos
do songoku songohan ou songoten

vejo-te radiante
com os olhinhos a brilhar
e penso triste noutros meninos
de olhos meigos como tu
e sorriso a fugir para sempre
das boquinhas de framboesa

olho para ti com amor
e penso com dor
nos meninos do cuito e do kosovo

porque... sabes
eles não têm bonecas
que dizem mãã
e choram por papa
nem carrinhos
que guias de longe
e correm velozes
em pistas de luz
que o papá
armou com amor

esses meninos
do cuito e do kosovo
não conhecem
os teus heróis fabulosos

action man
iron man ou spider man
que aninhado
no teu cantinho do sofá
vês fascinado sonhando
com aventuras loucas
noutros planetas
eles não cheiram como tu
a colónia do boticário
suas roupas amarfanhadas
escondem os podres
da sujidade de dias inumeráveis

vivem a fugir
como os seus sorrisos
confusos perdidos
escorraçados e exaustos

a alma...

desnuda e fria
sem chama nem sonhos
sem tempo para beijos
e histórias para adormecer

esses meninos
do cuito e do kosovo
não sabem
que há meninos como tu
que ouvem histórias ao deitar
e adormecem com planos
para um novo dia

eles sofrem
silenciosamente feridos
unidos no mesmo terror
na mesma miséria insustentável

e eu olho para ti e penso triste
se um dia esses meninos
do cuito e do kosovo
ouvirão histórias para adormecer
e sorrirão felizes
numa manhã azul
de sol de abril

in: *A Ternura da Água*

Um Tempo Injusto

(À memória de Sophia de Mello Breyner Andresen)

Busco um tempo de justiça e esperança
acho tristes aves de asas presas ao solo

pobres criaturas
libertas por um deus
ultrajado e traído
que agora jazem vencidas
de frágeis pernas quebradas

fitam sem ver
templos profanados
crianças perdidas
feitas homens e mulheres
num tempo sem tempo

famílias desunidas
por grossas cortinas de fogo
num tempo sem esperança

busco um lugar justo
acho um tempo injusto
de gente sem rosto

busco um tempo liberto
acho um mundo prisão
de gente sem pão

busco um tempo de paz
acho um tempo de guerra

in: *Sonho Sonhado*

NOTA BIOGRÁFICA

Carlota de Barros Fermino Areal Alves nasceu em Cabo Verde, na Ilha do Fogo. Licenciou-se em Filologia Germânica, pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. É membro da Academia Caboverdiana de Letras, da Sociedade Caboverdiana de Autores (SOCA) e da Sociedade de Autores Portugueses (SPA). Foi professora em Cabo Verde e em vários Liceus e Escolas Preparatórias de Portugal. Trabalhou no Ministério de Educação, em Lisboa., no Gabinete de Estudos e Métodos. Como experiência no Associativismo, ligada à Comunidade Caboverdiana, foi Vogal da Direcção da Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo Verde.

É autora dos seguintes livros de poesia: *A Ternura da Água* (2000), *A Minha Alma Corre em Silêncio* (2003) e *Sonho Sonhado* (em Português e em edição trilingue (Caboverdiano, Português e Inglês; 2007 e 2008). Em prosa, publicou o romance *Luna a Noite de Todos os Dias* (2014) e o livro de contos *Os Lírios da Memória* (2016). Participou ainda nas seguintes antologias de poesia: *Da Incerteza* (2000), *Cabo Verde: Antologia de Poesia Contemporânea* (2011), *Escritores da Língua Portuguesa. Antologia. Volume II* (2015) e *Cabo Verde – 100 Poemas Escolhidos* (2016).

É colaboradora assídua da *Revista Cultural Artiletra* e da *Revista Pré-textos*. Colaborou igualmente na *Revista Cultural Licungo*, do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora, e na *RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro-Letras*.